

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois d. publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs.	Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs.	Africa e India Portuguesa, 26 no 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros... 13800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte 82

IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

OPTIMISMO



Felizmente não houve desastres pessoais.
Dos jornaes.

A ultima illusão



A morte do conselheiro Pereira Carrilho affectou tanto mais profundamente os poderes publicos e a nação, quanto o finado Carrilho era, no meio das realidades negras do nosso destino, — a Illusão, e perder illusões, assim para os individuos como para os Estados, é caminhar para a morte moral, que precede o aniquilamento do corpo.

Carrilho foi uma illusão perdida. A ultima?

Não o sabemos. — E' possível que junto do tumulto d'esta illusão morta se erga já a esta hora uma nova illusão. E' possível que no lugar do homem que foi, esteja já a esta hora o homem que ha de ser, devidamente encasacado e seguido a distancia pelo continuo do ministerio da fazenda que lhe ha de passar o orçamento da receita e o orçamento da despesa, a varinha de buxo e o prato de porcelana em que elle ha de aparal-os com dextreza e mimo.

Emquanto porém, essa substituição não se dá, a morte do conselheiro Carrilho é para nós um tombo, porque se elle morreu, tudo indica que elle deverá ser insubstituível.

A funcção do finado funcionario consistiu com effeito em peritamente manter em systematico equilibrio a receita e a despesa do Estado, as quaes, como é sabido, se encontraram sempre por seu turno em desequilibrio systematico.

Era esse falso equilibrio indispensavel á felicidade da nação?

Era.

As nações como os homens comprazem-se na illusão. — Era-nos grato em todos os fins d'annos economicos, verificar as contas e achal-as certas.

Estavam ellas certas?

Não o estavam, mas as nações, assim como os individuos que vivem na desordem economica, não gostam nunca que lh'o digam.

Saber que vão mal, afflige as. Saber que se precipitam, desespera-as. A principal condição da sua felicidade consiste em, voluntariamente — ignorar.

Mantel-as na ignorancia é veridicamente servil-as.

O conselheiro Carrilho serviu a nação.

A nação sabia, emquanto elle foi vivo, que, não já pela sua integridade, pela sua restauração, pela sua emenda, mas pelo seu socego, pelas suas alegres vigílias e pelo seu calmo sono, alguém laboriosamente velava.

Não havia equilibrio no orçamento, mas havia paz nas almas.

Aqui e ali levantava-se uma voz na opposição ou na imprensa a denunciar o equivooco. A nação alarmava-se, a campainha da camara tocava duas vezes, as maiorias sussurravam: ordem! ordem! Mas vinha o conselheiro Carrilho, consultava rapidamente algumas folhas de papel almaço, pedia o *Diario das Camaras*, passava a mão pelo bigode e logo a nação se tranquillizava, as mesmas opposições, a mesma imprensa dissidente acabavam por sorrir, incredulas mas vencidas.

O conselheiro Carrilho serviu a nação e foi, até que os factos demonstrem o contrario, o collaborador, mais do que o collaborador — o esteio indispensavel e insubstituivel de todos os governos.

Todos os governos em Portugal fundam o seu prestigio nos beneficios da sua administração.

E' pelo menos o que todos allegam já no poder, já na opposição.

Como os patenteiam?

Pelo orçamento.

Ora, em Portugal nenhum homem do governo ainda soube entender-se com o orçamento. Todos dizem ter procurado o equilibrio, mas nenhum o attingiu.

Que'n o attingiu — sempre?

O conselheiro Carrilho.

Assim o primeiro cuidado de todos os governos, em Portugal, invariavelmente foi — chamar o Carrilho.

Certamente na opposição elles não deixaram de o crivar de ironias. Mas em chegando ao poder, era sabido — Carrilho, e nenhum, nenhum o dispensou, nem os mais presumposos reformadores, nem os mais sagazes financeiros, nem Oliveira Martins que já morreu, nem o sr. Fuschini, que ahí está para o attestar. A todos, elle foi preciso e áquelles que quizerem prescindir d'elle, succedeu ficarem perdidos no orçamento, como nos beccos de uma cidade, sem saberem por onde tinham entrado e sem saberem por onde deveriam sair.

Agora que elle morreu — o que vai succeder?

Quem manterá em seu lugar a agradável mentira de que elle foi o habil instrumento?

Quem ousará bulir no mysterioso mecanismo de que elle só parecia possuir o inviolavel segredo?

Tremenda interrogação!

Irá desfazer-se o equivooco?

Mas o equivooco é a realidade: a realidade é a morte.

Como será supportavel a existencia n'um regimen cruel de orçamentos sinceros? Como viver face a face com a abominavel Verdade?

Desde que entrou no seu grande periodo de instabilidade, é este o momento em que a nação começa a estar verdadeiramente inquieta. — Mor-

reu a sua ultima illusão.

Quanto ao. governos — estão perdidos, e nem os disciplinados partidos, nem as compactas maiorias, nem os activos *leaders* e os verbosos oradores, nem uma imprensa facunda e fiel, nem o exercito, nem a armada, nem a guarda municipal, nem o major Dias, nem o Ferrari os salvarão já.

O Conselheiro Carrilho morreu e levou para debaixo da terra o segredo de governar bem.

Os governos encontram-se pela primeira vez em Portugal na franca e revelada contingencia de governar mal.

Não mais equilibrio.

Não mais governo.

Não mais opposição.

E' o fim do poder. — E' o fim do mundo.

JOÃO RIMANSO.



Carta a um politico provinciano

Escreve-me você, Manuel da Costa, Uma carta com letra arrebicada; Lá vai pelo correio uma resposta Em rima muito mal alinhavada.

Mandou-me perguntar se o rei de Hespanha Já dava os seus passeios por Lisboa; E se o Zé os tarcos seus empenha P'ra lhe dar uma festa em tudo boa.

Saiba você, que para nossa gloria, Temos festa de escacha pecegueiro; E que o rei, cuja fama é já notoria, Já não tarda uma loja de barbeiro.

O rei vem-nos mostrar do reino seu A nata da nobreza mais catita; Porém alguém me diz que lhe esqueceu De trazer o Frascuelo e o Guerrita.

Projecta-se um toureiro assignalado Em que o boi mostre o seu sangue vermelho... Porque o sceptro de lá vê com agrado A nobre brincadeira do chavelho.

O Zé vai-se enfeitar com as papoilas. A que puder fazer larapia raza; E é capaz de empenhar mesmo as ceroilas Para mostrar que tem amigo em casa.

Da Praça da Figueira até ás Monicas, Do Largo de Camões até á Penha, Andam todas as luzas philarmonicas A ensaiar as pandegas lá da Hespanha.

Não se faça você nenhum forreta, Mostre-me que não tem a fibra bamba; E venha cá ouvir a *pandereta*, Deitar foguetes, e dizer *caramba!*

Diga á sua mulher, D. Libania, Que lhe mando um beijinho para o neto. E que achará na rua da Victoria As cavacas que vende o *Gato Preto*.



Breves considerações

As *Novidades* inseriam ha poucos dias um succuciento artigo que lastimamos não ter presente para nos referirmos a elle com mais fidelidade, no qual verificavam que na actual sociedade portugueza existe o habito de publicar sobre os homens e sobre as coisas exactamente o contrario do que se pensa d'elles e d'ellas.

A este habito, chamam as *Novidades* — *equivoco*.

Nós tambem tinhamos dado pela coisa, mas não sabiamos que se lhe chamava assim, e se as *Novidades* nos dão licença, nós dir-lhe-hemos francamente como suppunhamos que se lhe chamava.

Ao habito de publicar o contrario do que se pensa suppunhamos nós que se chamava — *negocio*.

Dizer o contrario do que se pensa é mentir e o homem nunca mente que não seja para fazer negocio.

Já na vida publica, já na vida intima, sempre que o homem mente, o homem quer vender ou comprar, seja o que fôr, mesmo o que pareça menos negociavel.

Pensar mal e dizer bem, seja de um homem, seja de um facto é pretender comprar-lhe ou vender-lhe alguma coisa.

Quando o homem diz a verdade, toda a verdade, ou é maluco, ou está *escamado*.

No regimen da verdade, a vida seria impossivel.

Concordamos que na actual sociedade portugueza se mente desabaladamente.

Esse regimen de exaggerada mentira não é porém, o resultado de um *equivoco*, mas a consequencia de um entendimento.

E' um accordo.

O nosso accordo provem da necessidade de podermos caber todos na mesma casa de jantar.

**Compensações**

O *Jornal de Noticias* do Porto verifica que Portugal é o paiz do mundo onde os professores de instrucção primaria recebem menor salario.

Tambem por isso é o paiz do mundo onde elles teem menos que fazer.

**Bravo! bravo que funcção!**

O meu *Zé* se desbarreta,
Delta as unhas á viola;
E lá vae como um pateta,
Ver o rei da pandeireta
E da bella castanhola.

Faz ás maguas uma figa,
Põe de banda o amigo fado;
Espreme o foll' da barriga
E repete a tal cantiga,
Portuguezes, é chegado!

Para a coisa ir afinada,
Ao meu *Zé* tambem eu lembro
Ir chamar a decantada
Philarmónica, chamada
À Primeiro de Dezembro!

Com certeza espera o *Zé*
Ver em toda a luz a scena
Essa peça de *filé*,
Baptisada por Garrett,
A *Philippa de Vilhena*,

Ensaiaudo phrases ternas
Zé pagante, o portuguez
Diz por todas as tabernas
Que luminarias eternas
Pede o caso d'esta vez!

Já cá tinhamos no nicho
Camareras, aguadeiros,
Homens que *matam o bicho*...
P'ra termos tudo a capricho
Surge o rei dos bons toureiros.

Vou tambem suar ás gotas,
Celebrando esta funcção,
Alegria de agiotas...
Pois para amigos mãos rôtas,
Como lá diz o rifão!

Pae *Burnay*, homem bemquisto,
Soberano rei da chêta...
Somos uns pobres de Christo;
E em basofias somos isto
Que se vê... sem pôr luneta.

**Cumulo de parentesco**

Ser primo do Primo Cartello.

**Balões de vento**

O balão *Lebaudy* effectuou com exito uma nova travessia, mas ao chegar ao termo da sua viagem, como se levantasse um golpe de vento, foi de encontro a uma arvore e rasgou-se.

Eis o que nos parece comprometter gravemente a resolução do problema da direcção dos balões—o vento.

Por outra: o problema da direcção dos balões é um problema ainda muito cheio... de vento.

**Ligeiro reparo**

No monumento funerario que acaba de erigir-se a Oliveira Martins, no cemiterio dos Prezeres, lê-se as seguintes inscripções: de um lado — *A Oliveira Martins, os seus amigos*, do outro: *nasceu a 30 de Abril de 1845: Morreu a 24 de agosto de 1894, com os sacramentos da Igreja.*

Quem leia estas palavras, não tendo conhecido o homem ao qual ellas se referem e a obra que elle deixou, certamente dirá que assim como elle morreu assistido da Igreja, assim elle viveu nos seus sentimentos.

Comtudo, nada menos exacto.

E' possivel que Martins tenha morrido na Igreja, mas a sua obra claramente nos diz que não viveu n'ella.

Mas que fazer? — E' indispensavel que a Igreja dispute sempre certos homens nos dois actos da sua vida em que elles tomam menor parte: no acto de nascer e no acto de morrer.

Já Littré...

Mas perdão! justamente toca á missa na Conceição Nova.

**Contabilidade posthuma**

Referiram os correspondentes de Paris para os jornaes de Lisboa que as irmãs de caridade, chamadas para junto do cadaver do Conselheiro Carriho, lhe tinham mettido umas contas nas mãos.

Nem depois de morto o deixaram as *contas!*

**Cantiga**

Portuguezes! é chegado
O dia da reinação;
Vae borrão sobre o passado,
Não ha gato nem ha cão!

Toque trombone e o zabumba
Alli no Cães do Sodré,
Vá de dança de *escarumba*,
Ora pois então *cumié*.

Birras, turras, teimas, zangas,
Questões de cácrácá,
Enxotadas por charangas
Nunca mais ponham pé cá!

O progresso, em seus galopes,
Torna em bem o que era horror;
E o Senhor Mathias Lopes
Deu chocolate d'amor!



Real Gymnasio Club da Fazenda



O espolio do equilibrista

RAFAEL BORGHELLO PINHEIRO

Syndicancia alegre

Na syndicancia aos actos por que foi accusado o Reverendo Nunes, prior do Beato, apurou-se um caso que não deixa de ter sua graça.

Um dia apresentaram-se na egreja parochial um homem e uma mulher, declarando que queriam fazer baptisar uma creança.

—«Não ha nada mais facil - disse-lhes o prior. A questáo é trazerem dois mil réis. . .»

O homem e a mulher olharam muito espantados um para o outro, e depois disse o homem:

—«Com seiscentos diabos! Dois mil réis não será muito, ó sr. prior?»

—«E' o preço. E é para quem quer.»

E então a mulher, toda sacudida, puxando pelo braço ao marido, para que se fossem embora:

—«Essa agora! Quem é tolo? Pois a creança não nos custou nada a fazer, e havia, de nos custar dois mil réis só para a baptisar! Anda d'ahi, ó Tónio.»

**O carro do progresso**

O café Tavares, restaurado com esplendor, intercalou na sua decoração interior as armas da casa de Bragança e os dizeres seguintes: *Fornecedor da Casa Real*, em virtude do que já não é possível ouvir dizer n'esse agradável recinto de cavaqueira e comezaina:

—Rapaz! a lista!

Mas:

—Rapaz! a lista... civil!

Comtudo, as dotações, quer dizer, os preços, não subiram.

**Calotes e oões**

O Sr. Governador Civil de Lisboa trata de entender-se com o Sr. Inspector geral dos Serviços Sanitarios, afim de serem adoptadas medidas para evitar o desenvolvimento da raça canina, por causa dos frequentes e tristes casos de raiva que ultimamente se têm dado.

Entre outras medidas, quer-se sujeitar todos aquelles que possuam cães á responsabilidade pecuniaria, remivel em juizo na falta de meios, pelos prejuizos causados ás victimas.

Até agora só havia uma raça de cães que se podia chamar aos tribunaes. D'oravante, vão todos. E' equitativo.

**Ler, escrever e contar**

O sr. Armelino Junior começa d'esta fórma uma biographia do sr. Lima Duque na *Revista Amarella*: «Sabe escrever.» Ponto.

N'um paiz de analfabetos, é uma declaração indispensavel mesmo na biographia dos homens illustres.

Para melhor definir o estado de cultura do sr. Lima Duque, o sr. Armelino Junior poderia mesmo ter escripto: «Sabe ler, escrever e contar.»

**O soro anti-scenico**

Na peça do Sr. Silva Gayo intitulada a *Encruzilhada*, com premio do concurso do *Dia* e posta em scena no Theatro D. Amelia, ha um medico que descobre um soro com que se inocula, e de que lhe resulta a morte, para desenlace do pequeno drama que se passa ao redor d'esta idéa humanitaria.

A peçazinha não desagradou, mas houve quem a achasse lançada em moldes muito antigos, do tempo do *Anjo do lar*, do *Cinismo*, *Septicismo* e *Creança*, e do *Gaspar o serralheiro*.

—«É tanto assim, dizia um critico nos fauteuils, que o proprio soro com que o medico se inocula, é um soro muito antigo. . .»

—«Ah, sim? E' boa! E que soro é?» perguntou alguem.

—«E' o Soromenho!»

Referia-se a Diogo José Soromenho, o apreciado auctor dramatico da nossa velha escola.

**Mordeduras e dividas**

No Instituto Bacteriologico de Lisboa deram entrada, um dia d'estes, dezoito pessoas mordidas por um cão damnado, em Mirandella.

Evidentemente, ha engano. E' muita gente para um cão só.

Não deve ser um cão. Deve ser uma quebra fraudulenta.

**O contrario**

Dando noticia da visita do addido militar inglez, Eduardo Stuart Wortley ás novas fortificações, disse um jornal que esse official anda vendo se nós estamos realmente bem fortificados.

Não. O que elle anda a vêr é se nós estamos, realmente, mal fortificados.

**A condessa de Montignoso**

Telegrammas de Berlim annunciam o apparecimento de um livro attribuido á ex-Princesa de Saxe, hoje Condessa de Montignoso, e intitulado — *Confissões da Princesa Luiza*.

Parece que uma das primeiras coisas que a princesa confessa é que o professor com quem ella fugiu não correspondeu mesmo nada áquillo que ella esperava.

Os telegrammas dizem só isto, e por aqui se pôde avaliar a viva curiosidade com que esse livro é esperado em Lisboa.

**In buscar apontamentos. . .**

Escreve o *Dia*:

«Entraram ante-hontem para o Instituto Bacteriologico, 8 pessoas, vindas de Mirandella, mordidas por um cão raivoso. Esta noticia levou-nos a esse estabelecimento, na esperanza de colher o maior numero de apontamentos.»

O *Dia* queria talvez dizer — o maior numero de dentadas.



Annuncios pittorescos

Annuncio no *Diario de Noticias* de 19 do corrente.

«Senhora

que nunca serviu, deseja-o agora. Carta á agencia de annuncios, Rua do Ouro, 30, ao n.º 77.»

A todo o tempo é tempo, minha senhora...



Outro, no mesmo jornal e no mesmo dia:

«Aos hotéis e restaurantes

Compram-se restos de comida. Carta á agencia de annuncios, Rua Augusta, 270, 1.º»

Provavelmente, para fazer croquetes!



Mercês honoríficas

Anda nos jornaes o seguinte aviso:

«Ordem Gerosolimitana do Santo Sepulchro»

Pede-se aos cavalheiros residentes em Portugal, condecorados com esta ordem, o favor de indicarem urgentemente os seus nomes e residencias dirigindo as suas cartas ao Marquez de Franco.»

Fica pois avisado, por este meio, o nosso amigo Montes, festejado cangalheiro, o qual, como se sabe, é grand-cruz d'aquella ordem.



Canções populares

MOTE

E' um passo da Terra ao Ceu,
Da vida á Morte é um ai...
Só do meu peito ao teu peito
Tamanha distancia vai!

GLOSA

Quem o bem que póde faz,
Quem pratica a lei do Justo,
No mundo vive sem susto,
Dorme no seio da paz:
O remorso não lhe traz
Sobre a consciencia um véo;
Affirmo, pois, aqui eu
Da minha guitarra ao som,
Que para aquelle que é bom
E' um passo da Terra ao Ceu.

Chega a hora pavorosa,
O Justo não estremece,
Pois sabe que á Terra desce
Por divina lei forçosa.
Abraça a cruz milagrosa
Dádiva do Eterno Pae;
No travesseiro lhe cõe
A cabeça, e diz assim:
— D'esta lida chego ao fim,
Da vida á morte é um ai!

Ou seja gôso ou tormento
Nesta vida tudo é curto;
Vem o prazer como a furto,
Só dura mais o lamento.
Tudo passa como o vento
Em um temporal desfeito;
Tudo é breve em seu effeito,
Seja doce ou seja rude...
Verdadeira longitude
Só do meu peito ao teu peito!

Affagos ando a pedir,
Aos echos mandando a voz,
Mas tu, por destino atroz,
Nunca me chegas a ouvir!...
Teu nome ouço repetir,
D'alma fervente me sae;
A um ai ajunto outro ai,
Redóbro tristes gemidos,
Mas por ti não são ouvidos...
Tamanha distancia vai!



O caso do sr. Brieua

O professor de historia de Affonso XIII, Brieua, foi victima de um atentado ao passar por uma rua de Madrid, e a Agencia Havas, transmitindo o successo diz: «Crê-se que o motivo da aggressão seja questão particular».

A Agencia Havas parece querer dar a entender que outro poderia ser mais plausivelmente o motivo da aggressão.

Qual?

Um motivo politico?

Mas n'esse caso o sr. Brieua não seria um professor de historia.—Seria mais, seria melhor: seria um fabricante de historia!

E sem duvida, um professor de historia que a faz, está muito menos arriscado a falsifical-a.



Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa
de fabrico e
concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadíssimos

99, RUA AUREA, 99

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephónico 220—Endereço telegraphico Papelttygo

PAPELARIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.

TYPOGRAPHIA

Trabalhos typographicos em todos os generos. Impressões a côres, ouro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69 LISBOA

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Extirpações sem dor de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

ENCADERNAÇÃO

Simplex e de luxo, cartongens, dourados em fitas para cobras e em toda a quantidade de pelles. Casa premiada em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

Callista

pedicuro

JERONYMO FERNANDES

Empregado da casa *Ornelas*

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)



EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais moderno processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 as 5 da tarde

POR 600 RÉIS

Ser photographe!

Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogo illustrados. Capas para a encadernação d'ed *Parodia*, 1.ª, 2.ª e 3.ª anno. Empaste 200 réis.

Alves & Ferreira

220, Rua Augusta, 222



COQUELIN EM LISBOA—UMA GRANDE CABEÇA